



Reflexões Acerca da Boneca Abayomi Enquanto Objeto De Resistência, Identidade E Educação¹

Eunice Aparecida Borsetto²
Ivan Rêgo Aragão³
Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo a boneca Abayomi. Amuleto de afetividade, memória e proteção, confeccionado por mulheres e crianças, vítimas do processo de mão de obra escrava empreendida pelo Império Português. Produzidas a partir de nós e tranças, em pequenas tiras de tecido preto e colorido, sem expressões de fisionomia, abrangendo assim todas as etnias vindas de África para o Brasil. A pesquisa em questão, teve como objetivo principal analisar a boneca Abayomi como elemento de resistência e fortalecimento da identidade sócio cultural através dos usos do artefato lúdico e educativo no ensino da História da África. Embasada na pesquisa qualitativa, foram realizadas consultas em suportes bibliográficos e digitais. Nos resultados, refletiu-se sobre as possibilidades de se trabalhar com o contexto da boneca no ensino de História da África, inclusão do universo Abayomi em conteúdo dos livros didáticos e como forma de conscientização sobre os valores culturais, identitários, corporais e estéticos em âmbito afrobrasileiro. Ações voltadas para a valorização da cultura africana como ferramenta de fortalecimento das raízes negras, encontrou base a partir da promulgação da obrigatoriedade do ensino de História da África nos ensinos fundamental, médio e superior. Aliado à oralidade, o conhecimento da história africana é responsável por descortinar fatos como o da boneca Abayomi, que sustenta laços entre os povos vindos de África e seus descendentes brasileiros.

Palavras-chave: Boneca Abayomi; História da África; Identidade Sociocultural.

Introdução

O tráfico ultramarino, ou tráfico negreiro tornou-se atividade econômica essencial para o Império português a partir do século XV. Esse círculo de diáspora perdurou entre os séculos XVI e XIX, gerando altos rendimentos aos negociantes de escravos africanos, comerciantes da colônia e a metrópole portuguesa. (FLORENTINO, 1995).

¹ Trabalho apresentado no GT 7 – ÁFRICA: Um continente em constantes transformações e seus reflexos na sociedade do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

² Especialista em História Cultural (Estácio-FaSe); Licenciada em História (UNIT); Professora (UNIT/EaD).

³ Mestre em Cultura e Turismo (UESC); Especialista em História e Cultura do Brasil (Universidade Gama Filho); Licenciado em História (UNIT); Professor (UNIT/EaD).



Conta-se que durante a viagem da África para o Brasil as mães tentando acalmar as crianças, contavam histórias de seus antepassados enquanto faziam pequenas bonecas a partir de pedaços de tecidos de suas saias, que posteriormente acompanhavam as crianças na separação da chegada ao porto em território brasileiro.

É nesse contexto que a boneca Abayomi ganha destaque, pois representou objeto de afetividade, resistência e identidade sociocultural. Atualmente, as bonecas Abayomi são confeccionadas em oficinas, trabalhos de extensão em escolas e organizações não governamentais, enquanto elemento de identidade negra, oralidade no que tange a história do tráfico negreiro e vetor de resistência étnica e cultural.

A partir desses elementos, o presente artigo buscou analisar a boneca Abayomi não somente como elemento criador, mas como vetor de resistência e fortalecimento da identidade sócio cultural através dos usos do artefato lúdico e educativo no ensino da História da África.

A metodologia de estudo e pesquisa se configurou no âmbito qualitativo, realizada em suportes bibliográficos tendo como aporte teórico sobre memória em Verena Alberti e Michael Pollak; ensino de história da África em Benjamim Xavier de Paula, Anderson Ribeiro Oliva e André Simões. Ocorreu a pesquisa digital para consulta de vídeos, captura de imagens e leitura de artigos *on-line*.

Na primeira parte foi exposta a história do tráfico negreiro e o comércio triangular de escravos; no segundo tópico a memória, oralidade e história das escravas; no subtópico três a boneca Abayomi; na quarta parte a educação afrobrasileira e o ensino de História da África e ao final, as considerações finais.

1 História do Tráfico e Comércio Triangular de Escravos

O tráfico ultramarino, ou tráfico negreiro tornou-se atividade econômica essencial para o Império português a partir do século XV (FLORENTINO, 1995). Pelo tráfico de escravos oriundos de África, incentivava-se a criação da indústria naval, a expansão de áreas de plantações de tabaco e o comércio triangular de escravos que alimentava a Colônia com mão de obra escrava em grandes proporções.



Ancorado em seu domínio em determinadas regiões do continente africano e abençoada pela Igreja Católica que viam sua expansão sobre o território africano predominantemente ligado a prática do islamismo (FLORENTINO, 1995). Esse círculo de diáspora perdurou entre os séculos XVI e XIX, gerando altos rendimentos aos negociantes de escravos africanos, comerciantes da colônia e da metrópole. Para Ribeiro e Silva (2017, p.4):

[...] mais do que uma operação mercantil, o comércio de africanos provocou transformações em diferentes esferas conectadas pelo tráfico. E não apenas aquelas do contexto atlântico, pois foi um fenômeno de dimensões globais, impactando regiões a milhares de quilômetros de distância.

De acordo com Schwarcz e Starling (2015) durante os séculos XVI a XIX, foram trazidos para o Brasil 4,9 milhões de africanos, vindos principalmente de Senegâmbia (Guiné – séc. XVI), Angola e Congo (séc. XVII), Costa da Mina e Benin (séc. XVII), Moçambique (séc. XIX), pertencentes os povos *bantos*, *nagôs*, *hauçás*, *jejes* etc.

O comércio de matérias primas, produtos manufaturados e escravos eram a base da rota do Comércio Triangular de Escravos, realizado entre três continentes: Portugal, África e Brasil. No Brasil o *plantation* voltado da cana de açúcar e do tabaco eram transportados para Portugal, depois do processo de manufatura seguiam para a costa Atlântica Africana, juntamente com joias, tecidos de algodão, aguardente e armas que estimulavam os conflitos entre as tribos africanas, resultando na captura de prisioneiros de guerra e futuros escravos para as colônias.

Rodrigo da Silva Teodoro (2005) recorrendo a estudos de Luiz Felipe Alencastro, João Ribeiro Júnior, Pierre Verger e J. C. Curto informa que a cachaça teria servido para adquirir 25% dos escravos exportados da África Central para a América portuguesa entre 1710 e 1830. Segundo estudos de Alencastro (2000, p 323), 48% dos 2.027.000 escravos entrados na América portuguesa entre 1701 e 1810 foram adquiridos na troca por tabaco – este utilizado no escambo com a Costa da Mina – ou cachaça.

Realizando a travessia pelo Atlântico de forma humilhante e degradável, a viagem entre a costa africana e o Brasil poderia durar meses nessa condição sub-



humana. (BARREIRO; REDIKER, 2001). Tais relatos podem ser lidos em estudos que apontam a degradação das condições em que o negro vinha de África para o Brasil:

[...] Metido no navio, era deitado no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo, mal cagando ali mesmo, no meio da fedentina mais hedionda. Escapando vivo à travessia, caía no outro mercado, no lado de cá, onde era examinado como um cavalo magro [...] (RIBEIRO, 1995, p. 118).

Ainda segundo Teodoro (2005), o tráfico ultramarino empreendido pelo Império Português visava não apenas manter a sociedade escravista brasileira e a segurança no país, mas incentivava a dinâmica da alforria, possibilitando que negros escravizados pudessem conquistar sua liberdade via manumissão, desenvolver atividades relacionadas ao sistema escravista ou aquisição de escravos, tornando-se assim um senhor. Desta forma,

O comprometimento social dos crioulos e mulatos — sobretudo quando livres e libertos — com a instituição da escravidão, e não apenas o comprometimento dos senhores brancos, foi o elemento decisivo que garantiu a segurança do sistema escravista brasileiro. (MARQUESE, 2006, p. 121).

Outro ponto a salientar é o vínculo financeiro entre os Senhores de Engenho com os traficantes de escravos. Sem a mão de obra, não se produzia açúcar, sem o açúcar não traficava escravos. Dependência onde todos saíam ganhando, agregando maiores ganhos ao Império Português.

2 Memória, Oralidade e História das Escravas

No ano de 1929 tem início a Escola dos *Annales*, essa nova corrente liderada por March Block e Lucien Febvre, combatiam a pesquisa histórica a partir de grandes feitos, de vencedores e vultos históricos. A Escola Francesa do pensamento histórico divergia dos métodos de pesquisas centrados na política e nos eventos, propunham uma nova abordagem interdisciplinar da história, baseados na história da sociedade,



lançando novos olhares para as pesquisas históricas a partir de temas como leis, comércio, a moral e os costumes (BURKER, 1991).

Na percepção de Marc Bloch a “História é a ciência dos homens no tempo” (2001, p.55), dessa forma, importando ao historiador atribuir ao fato histórico seu exato lugar cronológico, buscando compreender o contexto social, econômico, religioso e cultural em que o mesmo ocorreu, através da pesquisa das origens e causas. Outro ponto importante a ser destacado, são os diferentes períodos e espaços históricos entre o acontecimento histórico e o momento da realização da pesquisa.

Não basta explicar o fato histórico, é necessário compreender todo o contexto histórico.

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras. [...] (Ibid., p.60).

A Escola dos *Annales* foi responsável em promover novos campos para estudos no tocante a temas antes menosprezados, a exemplo das mulheres e crianças. Permitindo com isso, que muitas histórias de mulheres negras, escravizadas ou libertas fossem conhecidas.

Utilizada como fonte de pesquisa histórica, a oralidade, foi e continua sendo ferramenta de ressignificação de concepções e ações do passado, tornando explícitas as memórias dessas mulheres através de seus silêncios, suas histórias de vida, conhecimentos e causos, mantendo a história e a cultura viva de uma camada da sociedade marginalizada e muitas vezes alheia à história oficial (ALBERTI, 2004).

Os esquecimentos propositais eram negligenciados por não serem percebidos dentro do contexto da história oficial dos grandes feitos e personagens ilustres. Uma história vista de cima e sem a relevância merecida aos excluídos e minorias ganha seu marco inicial com a Escola dos Annales. Ao ser analisado tal contexto, entende-se que,



O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 3).

No entanto, é no ato de lembrar e permitir a memória ativa que se intensifica o sentido de pertencimento dos grupos sociais vinculados ao passado ou origem comum, delimitando, nesse sentido, fronteiras socioculturais.

A memória como suporte de informações e salvaguarda de determinadas lembranças sobre fatos e acontecimentos, permite aos indivíduos situar-se em um dado contexto histórico e social, reelaborando-o, num mecanismo incessante presidido pela dialética da lembrança e do esquecimento (POLLAK, 1989).

A boneca Abayomi é um objeto de resistência, porque embora modificada pelo processo de transformação histórica, permanece ativando as memórias e identidades socioculturais do povo de África.

A boneca acompanha as transformações sociais e as modificações identitárias, que são elaboradas continuamente no presente, estabelecendo com a atualidade novas interpretações, as quais contribuem também para a redefinição das identidades individuais e coletivas das populações do continente africano. Conforme enuncia Halbwachs (1991, p. 2):

La memoria colectiva insiste en asegurar la permanencia del tiempo y la homogeneidad de la vida, como en un intento por mostrar que el pasado permanece, que nada ha cambiado dentro del grupo y, junto con el pasado la identidad de ese grupo también permanece, así como sus proyectos.

Ao longo do processo em que avançou os estudos historiográficos na Escola dos Annales, povos excluídos (mulheres, homossexuais, prostitutas, ciganos, operários), transformaram-se em objeto de estudo e pesquisa, a exemplo de mulheres negras vindas de África pelo tráfico negreiro.

Em terras brasileiras, o citado grupo de mulheres escravas eram 30% menores e seu valor de venda 20% menor que o de escravos homens. Quando chegavam às



fazendas logo se casavam com homens mais velhos, conforme costumes africanos, embora isso não lhes garantia nenhum tipo de estabilidade, além de passarem a conviver com outros escravos de outras etnias com linguagens e costumes distintos do da sua tribo, aspectos que muitas vezes provocavam muita violência, o que dificultava ainda mais sua adequação à nova realidade e sobrevivência.

Desenvolviam papéis de trabalhadoras no campo, amas de leite, religiosas, mãe e amante. Além de trabalharem nas plantações durante o dia, eram responsáveis pelo cultivo de gêneros de subsistência, além da tarefa de cozinhar e cuidar dos filhos.

Sofriam com o sentimento de posse e ciúmes dos maridos, assédio por parte do senhor e dos capatazes, e da violência da senhora. As mais velhas faziam papéis de agregadoras da vida comunitária, divulgavam os costumes culturais advindos da África, invocavam os deuses, atuavam como feiticeiras e curandeiras, utilizavam ervas, raízes e cânticos na cura de doenças, que em muitas vezes assustavam os senhores.

As escravas domésticas gozavam de melhores condições de sobrevivência, com melhor moradia, vestimenta, alimentação, e posição hierárquica superior às outras escravas, garantia de um futuro melhor para ela e seus filhos. Foram elas as primeiras a migrarem para as cidades, e a partir do comércio de gêneros alimentícios e a venda ambulante, muitas conseguiram comprar sua alforria.

Alforriadas sofriam o preconceito e eram acusadas de levar vida airada de não ter moral. As escravas negras desenvolveram um papel importante na economia de subsistência, nas feiras e mercados internos de abastecimento de várias regiões do país.

Para essas mulheres negras e escravas, viverem e sobreviverem em situações tão desafiadoras do sistema escravista e paternalista, tiveram que utilizar a força, a inteligência e quase sempre a rebeldia, seja no desenvolvimento do trabalho, da criação dos filhos, e da própria sobrevivência, “é como se, a todo momento fosse preciso inventar formas de não morrer, não adoecer e não enlouquece enquanto serviam a seus senhores” (DIAS, 2012, p. 360).



3 Boneca Abayomi

As bonecas sempre estiveram presentes nas culturas humanas, acompanhando crianças e adultos desde os tempos mais remotos como representações de posturas sociais e relações pessoais simbólicas. Para os adultos a função gira em torno de objetos rituais ou manequins, para meninas ensaio para o papel de ser mulher, casamento, mãe e padrão de beleza como as bonecas Barbie e a Susi. Para meninos sinônimo de masculinidade com os bonecos guerreiros, soldados e super-heróis (MORAES; ZOMER, 2013).

Em tempos do comércio escravagista setecentista e oitocentista, a boneca Abayomi funcionou como amuleto de afeto e proteção, sem expressões de fisionomia abrangendo assim todas as etnias africanas. Produzida por mulheres e crianças, a partir de nós e tranças, em pequenas tiras de tecido preto e colorido, transformando-se em símbolo de resistência da cultura negra, amplamente utilizada em atividades lúdicas visando a propagação da cultura afro-brasileira.

A oralidade conta que durante a viagem da África para o Brasil as mães tentando acalmar as crianças, contavam histórias de seus antepassados enquanto faziam pequenas bonecas a partir de pedaços de tecidos de suas saias, que posteriormente acompanhavam as crianças na separação da chegada ao porto.

A artesã Lena Martins, diretora da Cooperativa Abayomi de mulheres negras e artesãs na cidade do Rio de Janeiro – RJ, maranhense, filha de artesã, acostumada a brincar entre retalhos desde 1980, cria a boneca Abayomi em oficinas e cursos a partir de amarrações e nós em retalhos de malharia na cor preta e tecidos coloridos para roupas, turbantes e acessórios (figura 1).

O intuito dos projetos de extensão e atividades culturais vinculados a boneca Abayomi é o aprendizado de forma solidária, buscando criações artísticas-educativas a partir da utilização de relatos e retalhos, como ferramenta de desenvolvimento da criatividade humana e fortalecimento da identidade cultural (SOUZA, 2017).



Figura 1 - Produção da Boneca Abayomi Fonte:
https://ideiasepossibilidadesdeaprendizagem.blogspot.com/2019/08/educacao-infantil-plano-de-trabalho-com_18.html

Durante as oficinas, com todas as participantes sentadas no chão e formando um círculo, a artesã reforça a história de como a boneca Abayomi era produzida. Contextualizando sua confecção dentro do cenário da história do negro vindo da África. De acordo com Silva (2009), as bonecas são construídas artesanalmente, sem cola e costura, com o uso exclusivo de tiras de malha e tecidos reaproveitados: o corpo de malha, malhando formas e maneiras, trançadas, enroladas, amarradas, torcidas.

A palavra Abayomi é de origem *ioruba* e possui alguns significados, segundo Lena Martins, significa: estou dando o melhor de mim para você ou feito de mim para você, meu presente (BERTOZZA; AZEVEDO, 2019). Também pode significar aquele que traz felicidade ou alegria. Abayomi quer dizer encontro precioso: abay=encontro e omi=precioso, fortalecendo a ideia de amuleto, um dos simbolismos da boneca Abayomi, desta forma depois de feita ela deve ser presenteada a uma pessoa querida.

A partir de retalhos retirados da barra da saia das negras dentro dos navios negreiros, enquanto contavam histórias as crianças, e que ela deveria ser bem pequenininha para que pudesse ser escondida na mão ou no cabelo “carapinha” da criança (figura 2).



Figura 2 - Boneca Abaiomy

Fonte: <https://www.elo7.com.br/abayomi/dp/AD78FB>

No reencontro entre negros, após a publicação da Lei do Sexagenário, a identificação da estampa colorida da roupa da boneca Abayomi, serviu como forma de identificação familiar, e reencontro de pessoas vindas da mesma etnia.

4 Educação Afro Brasileira e o Ensino de História da África

No Brasil o desamparo legal e a falta de políticas públicas para as pessoas negras têm início com tráfico de escravos no século XVII, passa pela Lei Áurea (1988) até os dias atuais.

Embora a grande massa dos indivíduos não perceba, o Brasil vem desenvolvendo muitas políticas públicas voltadas para promover a igualdade entre as pessoas (SIMÕES, 2018).

O que deveria ter sido feito a muitos anos atrás, com a aculturação de que alguns indivíduos devam ser taxados de escravos e depreciados, criando assim o



preconceito racial que nada mais é do que a desvalorização do indivíduo perante a sociedade, que perdura até os tempos atuais, impossibilitando que todos tenham as mesmas oportunidades.

Respondendo a reivindicações de Movimentos Negros e da própria sociedade, o Brasil vem implantando políticas públicas voltadas a promoção da igualdade entre pessoas. Inicialmente com a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (BRASIL, 2003; SANTOS, 2011).

Posteriormente, a Lei nº 12.711/12, estabelece o sistema de cotas. Na citada Lei, 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia devem ser para alunos de baixa renda, negros, pardos e indígenas (PPI), bem como, pessoas com deficiência (PcD) oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos).

Foram muitos anos de silêncio e desinformação, representados por uma história eurocêntrica, abalizada por ideologias de exclusão social e assimilação cultural (OLIVA, 2003).

A mudança passou a acontecer a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do curso de História em 1998, atualmente é possível encontrar nos livros da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental ao menos um capítulo da História da África, quase sempre vinculado ao século VII ao XVIII, e os temas mais trabalhados estão: estudo da história e cultura afro-brasileira e conteúdo que mostrem a realidade africana, fugindo dos estereótipos e do lado negativo do continente.

A partir da promulgação da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro brasileira e africana, professores encontraram barreiras para o desenvolvimento de suas atividades como falta de cursos formação continuada na área, material didático e paradidático apropriado, suporte para elaboração dos planos de aula. Problemas que estão sendo solucionados com a criação de publicações, sites e blogs voltados para o desenvolvimento das atividades em sala de aula incentivando aos alunos o conhecimento da geografia, história, literatura, gastronomia, folclore e culinária africana.



Embora o suporte teórico para o ensino de história e cultura afro brasileira e africana esteja sendo sanado, outro grande problema enfrentado pelos professores em sala de aula é a rejeição e o preconceito por parte de pais e alunos, principalmente no que toca a religiosidade africana, ainda vista com receio e medo por parte de grande parte da população. Preconceito criado pelo próprio desconhecimento.

Nos primeiros anos da efetivação da Lei 9.394/03, a África era abordada como continente vinculado a imagens estereotipadas pelas lentes do conquistador eurocêntrico. Entre tais abordagens sobressaíam a concepção ainda fundamentada no escravismo e nos estudos sobre a escravidão; a concepção baseada em uma África imaginada e construída pelo mercantilismo europeu, representada principalmente pela Costa da Mina pelo Reino do Congo e pelo Benin – lugares de entrepostos; a concepção alicerçada na ideia da África pela África e a concepção que intenta articular os conhecimentos e saberes das diversas “culturas e histórias” do povo africano, aos conhecimentos e saberes produzidos nas várias diásporas africanas pelo mundo, dentre as quais, a diáspora afro-brasileira (PAULA, 2013).

Ações alternativas nas abordagens de ensino utilizando metodologias participativas, podem abrir caminhos para uma pedagogia ativa em prol do conhecimento sobre o continente africano. A boneca Abayomi traz consigo questões de resistência e identidade sociocultural relevantes.

Nesse sentido, ensinar de forma lúdica através da produção do universo Abayomi é enaltecer a representatividade da pessoa negra, visto que podem ser desenvolvidos tópicos como: ausência de bonecas e bonecos negros no mercado e na representatividade da criança negra, aceitação do corpo, cabelo e cor da pele, ausência de super heróis negros na literatura e cinema, pois, “se os alunos conseguem estabelecer relações entre o que aprendem no plano intelectual e as situações reais, experimentais e profissionais ligadas a seus estudos, certamente a aprendizagem será mais significativa e enriquecedora” (CAMARGO e DAROS, .2018, p. 7)

Considerações Finais

A partir das análises da boneca Abayomi, o presente estudo refletiu sobre as possibilidades de se trabalhar com o contexto da boneca no ensino de História da



África, bem como a inclusão do universo Abayomi em conteúdo dos livros didáticos e como forma de conscientização sobre os valores culturais, identitários, corporais e estéticos em âmbito afrobrasileiro.

Ações voltadas para a valorização da cultura africana como ferramenta de fortalecimento da identidade das raízes negras, também encontrou base a partir da promulgação da Lei 10.639/03 que definiu a obrigatoriedade do ensino de História da África nos ensinos fundamental, médio e superior.

Os estudos teórico-práticos no contexto Abayomi possibilitam o não esquecimento do significado das identidades que permeiam os povos do continente africano. Na obra de Pollak (1992, p. 5) é mencionado que,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, bem como, [...] fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Nesse contexto, seja dentro do currículo oficial nas escolas e universidades, seja por meio de oficinas e cursos em espaços alternativos de educação, aliada a oralidade e ao conhecimento da história africana a boneca Abayomi pode ser um vetor responsável por descortinar fatos que sustentam laços entre os povos vindo de África e seus descendentes brasileiros.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARREIRO, José Carlos. REDIKER, Marcus. **O navio negreiro: uma história humana**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BERTOZA, Tarianne da S. Pinto. AZEVEDO, Isabela Sarmet. **Contos e Encantos da Abayomi: Serviço Social e o Debate das Relações Étnico-Raciais nas Escolas**. In: Agenda Social, Vol. 13, no. 1, 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BRASIL. **Lei Nº 10.639 de 09 de Janeiro de 2003**. Brasília, 2003.



BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989.** Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo.** Porto Alegre: Penso, 2018.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras.** São Paulo: Unesp, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **Fragments de la memoria colectiva.** In: **Revista de Cultura Psicológica.** Año 1, número 1, Mexico: UNAM-Faculdade de Psicologia, 1991.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil. Resistência, tráfico negro e alforrias, séculos XVII a XIX.** In: **Novos Estudos do CEBRAP**, março 2006. p. 107-123.

MORAES, Salete Sonáglio; ZOMER, Lorena. **História dos Brinquedos.** In: **Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE.** Vol 1. 2013.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática.** In: **Estudos Afro-Asiáticos**, 25, no 3, 2003, pp. 421-461

PAULA, Benjamim Xavier de. **Os Estudos Africanos no Contexto das Diásporas.** In: **Revista Educação e Políticas em Debate – v.2, n.1 – jan./jul.2013.**

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: **Revista de Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, jun. 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, vol. 5, nº 10, 1992. p. 200-212.

RIBEIRO, Alexandre Vieira; SILVA, Daniel B. Domingues. **O tráfico de escravos africanos: novos horizontes.** **Revista Tempo.** Vol. 23 n.2. Mai/Ago.2017.

RIBEIRO, Darcy. **Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Lorene. **Ensino de História e a Lei 10.639/03: diálogos entre campos de conhecimento, diretrizes curriculares e os desafios da prática.** In: **Cadernos de História,** Belo Horizonte, v.12, n. 17, 2011.

SILVA, Sonia Maria da. **Experiência Abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos.** V **ENECULT.** Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA, Salvador, 27 a 29 de maio de 2009.

SIMÕES, André. **Igualdade, um desafio histórico.** In: **Retratos – A revista do IBGE** 2018. p. 6-7

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TEODORO, Rodrigo da Silva. **O trato dos viventes de Luiz Felipe de Alencastro.** **Economia e Sociedade,** Campinas, v. 14, n. 1 (24), jan./jun. 2005, p. 187-192.

Referência Audiovisual



III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias
08 a 16 de Outubro de 2020 - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe

SOUZA, Noeli. História da boneca Abayomi Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CGGG92EfGJI>. Acessado em 06 set.2020